

O Senado e seus presidentes

• O Senado faz 180 anos em junho. Seu presidente, José Sarney, e a Mesa Diretora, preparam festejos vários. Na passagem será lançado "O Senado e seus presidentes", livro do pesquisador e diretor-geral da Casa, Agaciel Maia, onde se pode reler a história política do Brasil, do Império aos nossos dias. Eles "são representativos de espaços e tempos brasileiros", diz Marcus Vilaça no prefácio.

E são mesmo. O primeiro deles, o Marquês de Santo Amaro, era homem de confiança de D. Pedro I, e a ele coube negociar a Independência com Portugal, depois de ter sido também amigo de Dom João VI. Desde então, presidentes de Senado são amigos do rei.

D. José Caetano da Silva Coutinho enfrentou o momento difícil da abdicação em favor de uma criança de cinco

anos. Negociou a instalação da Regência. O Padre Diogo Feijó, prócer da Independência e depois Regente, tem uma biografia singular. Recém-nascido, foi abandonado à porta de um padre, que o criou e educou como filho.

Na República, antes e depois de 1930, eles continuam sendo importantes protagonistas. O modesto Mauro Be-nevides foi chamado por Color de "presidente do sindicato do golpe" mas presidiu tranqüilo o processo de impeachment. Auro de Moura Andrade, em 1964, abriu caminho para a ditadura ao declarar vaga a Presidência da República, estando ainda o presidente João Goulart em território nacional. Mais tarde, para aprovar em prazo legal uma emenda, enviada pelo presidente Castelo Branco, manda parar o relógio do plenário.

Vale a pena ler.